

A culpa é das estrelas para a resistência da leitura canônica na escola?

Dra. Maria das Graças de Oliveira Costa Ribeiro¹
Ms. Josefa Josabeth de Sousa Barbosa²

Em meio à enxurrada de livros que circulam no âmbito escolar, é possível diferenciá-la em duas categorias: os indicados pelos professores e as obras prenunciadas pelo mercado editorial que chegam às mãos dos jovens - alunos e são, rapidamente, devoradas e repassadas para todos. Foi assim, com o livro “A Culpa é das Estrelas” de John Green, no IFCE – Campus Crato. Nesse sentido, este artigo se propõe a apresentar um relato de experiência, para, logo a seguir, refletir essa “substituição da literatura difícil por uma literatura considerada mais digerível”. (OSAKABE 2004, p.63), na escola. Ou como já preconizava Antunes: “muitas vezes o que se lê na escola não coincide com o que se precisa ler fora dela” (2003, p. 28).

Palavras- chave: Cânone literário – Literatura na escola – Mercado editorial

I. “Professora, a senhora precisa ler este livro!”

Questões como a leitura canônica e não canônica na escola são levantadas frequentemente por educadores preocupados com o gosto literário dos jovens estudantes de forma que as interrogações sobre a atitude do professor vêm sempre, à tona, quando se exige desse profissional uma postura interventiva e determinante para a formação da competência leitora de seus alunos. Como as perguntas e inquietações são diversas, diversos também são os percursos para se chegar a um denominador comum, se seria essa a pretensão nesse sentido. Aqui relataremos, ainda que sucintamente, uma experiência vivida no IFCE campus Crato-CE que pode ser uma das respostas, não a única, para esse desafio da inserção e conciliação dos clássicos e não clássicos no dia-dia escolar, respaldados na seguinte problemática: de quem é a “culpa” para os alunos resistirem à leitura indicada pela escola?

¹ Professora de Língua Portuguesa do IFCE Campus- Crato-CE

² Professora de Língua Portuguesa do IFPE - Recife

Com o intuito dos alunos conhecerem e compreenderem a literatura do período de 30 a 45 no Brasil, a partir da apreciação de autores da época, propomos às turmas do terceiro ano uma “roda de leitura” de modo que eles escolhessem um livro de um dos desses autores indicados com fins de verificar como cada obra apresenta a sociedade da época no que tange aos costumes, lazer, forma de relacionamentos amorosos, consumismo e outros. Além disso, os alunos deveriam comparar com um livro da atualidade já lido por eles nesses últimos dois anos, de modo que traçassem um paralelo entre os livros do seu gosto literários com as dos citados romances. Havendo, também, uma apresentação escrita, no mesmo dia, contendo as seguintes orientações:

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Apresentação escrita:

Página 1: Capa com nome do Instituto, no meio, o nome das duas obras analisadas, embaixo: o nome do aluno e ano.

Página 2: Introdução, mencionando de que se trata o trabalho, já constando o resumo das duas obras analisadas com seus referidos autores e ano de publicação.

Página 2: Apresentar, com suas palavras, o que foi a fase do Modernismo de 1930 a 1945. Características e autores pertencentes à referida fase. Página 3: Retratar a vida e as obras do autor do livro escolhido da fase modernista.

Página 4/5/6/8: Paralelo entre as obras: Apresentar o resumo de cada obra analisada, e, a seguir comparar quanto aos seguintes aspectos: Personagens, contexto histórico, costumes, lazer, forma de relacionamento amoroso, como se dava o consumismo.

Página 6: Retire algumas palavras do livro para arquivar no seu banco de vocabulário e cite-as nestas páginas com seus respectivos significados.

Página 9: Conclusão: Fazer um relato de como foi seu percurso como leitor, que dificuldades teve ao ler a obra em questão, de que livro você mais gostou e porque. Que momento mais lhe chamou atenção na obra.

APRESENTAÇÃO ORAL

No dia da apresentação, você deverá estar com os dois livros em mãos, para apresentar, oralmente, a sua interpretação.

Conforme se verifica na proposta acima, a nossa preocupação não residia apenas numa leitura mecânica, mas numa tentativa de provocar o labor da produção de sentidos com fins de formar um leitor *ativo* que faz relações com outras leituras e conhecimentos, ou seja, o leitor “que processa, critica, contrasta e avalia a informação

que tem diante de si, que desfruta ou rechaça, que dá sentido e significado ao que lê” (SOLE,2003,p.21).

Nesse sentido, ficou acertado que indicávamos um livro pra eles, no entanto, os mesmos também teriam oportunidade de indicar um livro para o professor e, na apresentação da roda de leitura, teria essa finalidade de convencer o mesmo de que o livro que eles leram também deveria ser lido pelo seu mestre.

No dia marcado para a roda de leitura, tamanha foi a nossa surpresa, primeiro por constarmos a participação e o envolvimento da maioria, mas principalmente, quando nos relatos dessa leitura comparativa, eles encontraram um elemento comum entre a literatura dos modernistas e a dos autores contemporâneos. No entanto, dentre os livros que eles indicaram, como a série Crepúsculo, Diário de um Banana, Harry Potter, sobressaiu o livro “A Culpa é das Estrelas”, ou seja, em todas as turmas a “febre” maior recaiu sobre a obra de John Green. O que tivemos de ouvir a resenha desse livro repetidas vezes, diferenciadas apenas nas estratégias usadas pelos alunos para nos convencer que precisávamos ler o livro. Mas, o que consta nesse livro? Perguntaria você que agora nos ler, vejamos o resumo:

O livro conta a história de Hazel Grace, uma adolescente de 16 anos que convive, desde os 13 anos, com um câncer de tireóide. Impulsionada pela mãe, Hazel frequenta um grupo de apoio a adolescentes com câncer, mas se mantém alheia as pessoas. Na sua concepção, tendo um “prazo de vida”, ela não vê motivos para fazer novas amizades, pois quer diminuir ao máximo o número de pessoas que possam sofrer quando ela partir. Apesar da doença, Hazel não se faz de vítima e tenta manter o bom humor, preferindo a companhia de livros, filmes e da família.

A história muda quando ela conhece Augustus Waters, um jovem de 17 anos, ex-jogador de basquete que teve uma das pernas amputadas por causa do osteosarcoma. O casal logo se apaixona e tenta tirar o máximo de cada dia que passa juntos.

Fizemos questão de trazer aqui a imagem da 1ª edição pela editora Intrínseca, 2014, para constarmos o empreendimento do marketing para com esse tipo de literatura:



A investida na produção da capa apresentando os jovens, e, mais ainda, a presença do discurso publicitário no verso do livro com frases “Você vai rir, vai chorar e ainda vai querer mais”, acrescido com críticas positivas de jornais de renome como O globo, The New York Times e outros nos faz lembrar Petrucci (1999) quando se referia ao gosto literário de alguns alunos como “escolhas anárquicas”, por os jovens lerem a partir de sugestões pouco fundadas, como o volume do livro, a cor da capa, temáticas que atendam aos seus anseios imediatos. Vamos mais adiante e deduzimos, então, que há um apelo da indústria cultural de forma que a literatura passa a ser um produto de consumo, daí o imediatismo, o enredo fácil, os capítulos divididos e resumidos e uma linguagem pouco metafórica que quase não exige uma leitura implícita do que se lê.

O que mais nos impressionou é que, ao fazermos uma varredura na internet para verificar as resenhas e comentários sobre os leitores dessa obra, deparamo-nos com um significativo número de comentários exaltando a obra em questão. Apenas num, dentre destes, havia uma internauta que tecia críticas, uma vez que a leitora reclamava em não ter se emocionado o bastante ou o tanto quanto a publicidade prometera:

Eu esperava tanto do livro, imaginei que choraria horrores (sou manteiga derretida), mas não aconteceu. Até me emocionei um pouquinho, mas nada digno de abraçar o livro e dizer pros amigos “vocês precisam ler isso”. Fiquei frustrada, senti que, mais uma vez, fui vítima de uma estratégia de marketing muito bem elaborada.

(<https://literaturapessoal.wordpress.com/2014>)

A partir dessa observação, dar para percebermos o perfil do leitor atual quando requer apenas um mergulho na subjetividade que não exija muito labor intelectual, mas que se tenha o deleite garantido.

Prossigamos, então, com os relatos, quando um dos alunos se propôs a fazer este paralelo, apontando a faixa etária e o drama vivido pelos personagens como um ponto comum entre os dois livros. Citemos um dos trechos em que é traçado um paralelo entre o livro Capitães da Areia de Jorge Amado e A Culpa é das Estrelas:

O livro Capitães da areia conta a história de um grupo de adolescentes abandonados que se juntam e vivem à base de furtos, aterrorizando toda a cidade. A história se desenrola contando cada caso de cada um dos meninos. (...) Comparando a obra de Jorge Amado com o livro que eu li “A Culpa é das Estrelas” percebi que nos dois livros há histórias tristes de jovens adolescentes que sofrem de diversas maneiras, Hazel e Augustus e os jovens do Grupo de Apoio que tentam vencer o câncer, enquanto os meninos de Capitães da Areia

sofrem os seus destinos de abandono da família, fome, violência e outros.(PAULO LIMA,3º B)

Outra aluna trouxe uma reflexão sobre a difícil relação entre mãe e filha que se configura tanto no livro *A culpa é das Estrelas* quanto na obra de Rachel de Queiroz *Dôra, Doralina*:

Achei o livro muito interessante principalmente quando se conta a história de amor de Dôra com o comandante, mas o que mais lembra o livro que li "*A Culpa é das Estrelas*" foi a difícil relação entre Dôra e sua mãe, como se houvesse certa rivalidade entre elas. Exemplo nesse trecho: "Aos poucos, quase sem querer, fui me acostumando a dizer o nome dela como todo mundo. [...] Por esse tempo eu já tinha deixado de chamar Senhora de "mãe". Ainda não tomara coragem pra dizer "Senhora" como nome próprio, na vista dela __ dizia "a senhora", o que era diferente. Mas de mãe não a chamava... Nas ausências, quando dava um recado para os outros ou contava um caso em que Senhora comparecia, eu dizia "Ela". (p. 16) Essa discórdia entre mãe e filha também é retratada na obra "*A Culpa é das Estrelas* quando a mãe de Hazel ordena pra ela ir ao Grupo de Apoio :

"Eu- Eu me recuso a ir ao Grupo de Apoio"

"Mamãe: Um dos sintomas da depressão é a falta de interesse em participar de atividades.

EU – Pô, mãe, por favor....

Mamãe: Hazel, você já é adolescente. Não é mais criança. Precisa fazer amigos, sair de casa, viver sua vida.

EU: Se você quer que eu aja como adolescente, não me mande para o Grupo de Apoio. Compre uma carteira de identidade falsa pra mim e aí eu vou sair à noite, beber vodca e tomar baseado. (p.14)

E assim, no livro todo, há sempre uma discordância entre Hazel e sua mãe.

(Tays Moreira – 3º B)

Encontrar um eixo temático que una a obra de Graciliano Ramos "*Vidas secas*" como a obra do Jonh Green, foi o desafio deste aluno que teceu a seguinte reflexão:

O livro *Vidas Secas* relata a história da família de Fabiano que luta contra a seca que aflorou na sua terra, tendo que sair de sua terra à procura de um lugar melhor para sobreviver. (...)

Em *Vidas e Secas* e *A Culpa é das Estrelas* tem muita coisa em comum, embora não pareça. Mas, em ambos os livros, retrata a história de superação. Enquanto Fabiano percorre sua longa jornada de sofrimento contra o clima, Hazel e Augustus também atravessam uma estrada de perdas e superação. O final dos livros e dos personagens também se assemelha quando não se tem um final tão feliz quanto se espera. Posso dizer que gostei dos dois livros, claro que o livro *A culpa é das Estrelas* achei mais fácil de entender.

(Daniel Saraiva - Terceiro de informática)

Diante dessa amostra de experiência pedagógica, discutimos como deve ser mesmo a postura da escola diante da formação da competência literária de seus educandos para lidar com as várias especificidades desses discursos sem querer didatizá-los, nem muito menos agir com preconceito, desconsiderando o gosto atual do alunado. O que propomos, nesse ínterim, seria a verdadeira conciliação entre essas divergentes literaturas, sem hierarquizar ou valorizar uma em detrimento da outra, mas se traçar atividades que esses discursos dialoguem como foi a nossa experiência em sala de aula e daí, verificarmos que a “culpa” dos alunos resistirem ao canônico não reside neles em si, mas nas metodologias mecânicas e ultrapassadas do professor de literatura. Daí que

Faz-se necessário, cada vez mais, que a universidade, além do trabalho de formação do leitor crítico, também forme o professor capaz de realizar um trabalho de formação de leitores na escola básica. É fundamental pensar procedimentos que fujam da tradicional aula expositiva de literatura, das abordagens que têm como ponto de partida, não o texto, mas informações históricas, formais, temáticas sobre autores e obras (ALVES, 2013,p.45).

Indagando sobre o que realmente seria o objeto do ensino da literatura, Rezende (2013) critica a ênfase dada ao *nacionalismo literário*, elegendo os cânones com suas respectivas características *formais e ideológicas* seguindo-se com aulas expositivas e exercícios de interpretação com perguntas e respostas. Essas últimas devem sempre corresponder às do manual do professor como se a literatura trabalhasse com apenas uma leitura possível. Nesse sentido, a autora propõe um deslocamento de “ir do ensino de literatura para a leitura literária, uma vez que o primeiro se concentra no polo do professor e o segundo, no polo do aluno” (REZENDE 2013, p.107). Esse “deslocamento” evita que o aluno saia do ensino médio dominando características de obras e dados biográficos dos autores, sem, contudo, ter uma aproximação dos textos literários. Na verdade, esse “leitor” vai ao livro já com a interpretação pronta dos livros didáticos, cabendo apenas confirmar o que foi dito. Ou tomando a atitude do de aceitar passivamente que a obra é *belíssima*, segundo o ponto de vista do professor, sem ter a chance de rebelar-se contra a mesma e a coragem de dizer que “o rei está nu” emitindo, dessa forma, argumentos contrários ou no mínimo confrontados.

É preciso que se saiba que não estamos apenas formando leitores literários, mas também escritores desse gênero, daí que nem podemos firmar as práticas pedagógicas

apenas nos clássicos, afinal, se percebermos que, para o aluno adquirir o *gosto* precisa aproximar-se de leitura mais *digeríveis* e que tenham a ver com sua realidade, que abramos as portas enferrujadas do nosso jeito de ler e ver a literatura por esse ângulo, uma vez que fatos não faltam para comprovarem essa percepção. Encontramos, inclusive, no site da Saraiva uma recomendação de uma leitora - claro que devemos dar o desconto da cumplicidade do jogo do marketing - um comentário que comprova, de certa forma, o nosso ponto de vista:

Primeiro livro que me fez chorar, me emocionar e me apaixonar por livros foi "A Marca de uma Lágrima", do Pedro Bandeira. Acho que o li com 12, 13 anos. Pois é, a lágrima dele me marcou. Desde então perdi as contas de quantos livros leio por mês. Histórias bobas, outras nem tanto, é fato: eu amo ler. Mas, mesmo lendo tanto, ainda sei quantos livros me fizeram chorar e me emocionaram verdadeiramente. Hoje terminei "A Culpa é das Estrelas", de John Green e, bem, a resposta acima mudou para DOIS. Espero ser capaz de um dia conseguir traduzir tudo o que esse livro me fez sentir.[...]. Mas, que bom que algumas pessoas, como o Bandeira, como o Green, conseguem traduzir o sentir. (<http://www.saraiva.com.br/a-culpa-e-das-estrelas-4073261.html>)

Quando a leitora ressalta que esses autores *traduzem o sentir* sinaliza a uma tendência, da maioria dos jovens, em buscar, nessas obras, esse sentido à sua existência através de uma leitura empática e essa realidade também deve ser considerada pelos professores no tratamento da literatura na escola. O que não se concebe é reduzir as aulas apenas à literatura contemporânea da indústria cultural, que a, cada ano, derrama série e mais séries de obras, apenas porque *nossos alunos gostam* e as aulas ficam mais "atrativas".

Outro aspecto que aqui devemos considerar, já que estamos procurando os "verdadeiros culpados", é estarmos cientes de que se um texto literário abre um leque para as múltiplas leituras, também múltiplas devem ser as estratégias do professor para letrar literariamente os seus educandos, promovendo diálogos entre a literatura e as demais áreas de conhecimento, abordando um ensino mais que interdisciplinar, ou uma mera cooperação entre as disciplinas. Nesse sentido Morin (2004) propõe a

transdisciplinaridade, que segundo ele, pode melhor ecologizar o conhecimento, dando a ideia de unidade, pois se não há um pensamento complexo, é impossível haver *transdisciplinaridade*, uma vez que só a transdisciplinaridade abre espaço para a discussão das “metadisciplinas”, ou seja, a construção de *um meta ponto de vista* e não de um ponto de vista.

Além dessa visão *ecologizante* de ensinar e se aprender literatura, o professor, deve ser um leitor em potencial, uma apreciador que possa encantar-se primeiramente para, a seguir, encantar seus alunos, o que não significa imprimir autoritariamente o seu gosto, mas aproximar o aluno-leitor para as malhas da literatura, não com o discurso de que a leitura “é uma viagem”, mas mostrar que essa viagem, por vezes é amarga, difícil, porém, com resultados surpreendentes.

Considerações finais:

Com essa experiência realizada tivemos a oportunidade, não somente de propormos algo novo ao aluno, mas, sobretudo, a de nos conscientizarmos do efeito produtivo gerado quando oportunizamos ao aluno a liberdade de questionar e emitir opiniões contrárias aos livros indicados pelo professor, dentro de um contexto de relação de poder que naturalmente emerge num contexto escolar. Fato constatado quando, em um dos relatos, o aluno pôde assim se expressar que o livro indicado “foi bom, mas eu achei legal mesmo foi A culpa é das estrelas”, ou quando um outro afirmou que não gosta de ler, mas ao ler a obra do John Green suscitou neste a vontade ler mais e mais. Se para aproximarmos os nossos alunos das obras clássicas, precise de que eles passem por obras mais fáceis e mais condizentes com o seu momento atual, que assim façamos, sem, contudo, deixarmos de considerar a leitura do primeiro.

Referências Bibliográficas:

ALVES, Hélder Pinheiro. **O que ler, por quê? A literatura e seu ensino.** In *Leitura de Literatura na escola.* Maria Amélia Dalvi (ORG). São Paulo: Parábola, 2013.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola, 2003.

DANGENGO, Larisse. **Resenha do livro A culpa é das estrelas.** Em <https://literaturapessoal.wordpress.com/2014>. Acesso em 18 de maio de 2015.

DUARTE, Márcia Nunes; WERNERCK, Leonor. **A Literatura e o Ensino de Literatura para o Público Juvenil.** Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler. Em três artigos que se completam.** São Paulo, Autores Associados: Cortez, 1989.

FRITZEN, Celdon. **O lugar do Cânone no Letramento Literário.** GT: alfabetização, Leitura e Escrita. 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT10-3679--Int.pdf>>. Acesso em 15 dez. 2008.

GERALDI, João Wanderley (org). **O texto na sala de aula.** Leitura e produção. Cascavel Assoeste, 1986.

GREEN, John. **A culpa é das estrelas.** Tradução Renata Pettengill. – 1 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção.** Trad. Armando Brairo. Barueri, SP: Manole 2007.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita – repensar a reforma ,reformular o pensamento.** Rio de Janeiro – Editora Bertrand Brasil- Ed.2004.

OSAKABE, H.; FREDERICO, E. Y. **Literatura. Orientações curriculares para o ensino médio.** Brasília: MEC/SEB, DPPEM, 2004.

PETRUCCI, A. **Ler por ler: um futuro para a leitura.** In CHARTIER, R, CARVALLO, G. (Org.) História da leitura no mundo ocidental II. São Paulo: Ática, 1999.

POSSENTI, S. **Pragas da leitura. Leitura, escola e sociedade.** São Paulo, FDE, Série ideias, nº 13, 1994.

REZENDE, Neide Luzia. **O ensino de literatura e a literatura literária.** In Leitura de Literatura na escola. Maria Amélia Dalvi (ORG). São Paulo: Parábola, 2013.

SOLÉ, Isabel Solé **“Ler, leitura, compreensão: sempre falamos da mesma coisa?”** In TEBEROSKY, Ana. Compreensão de leitura: a língua como procedimento (Org.) Trad. Fátima Murad – Porto Alegre: Artemed,2003

SODRÉ, M. **Teoria da literatura de massa.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,1978.

